5.º ANO LISBOA—SEXTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1925 N.º 1238

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

PRELUDIO...

A suspensão

DO

Diario de Lisbôa

Depois de quatro anos de existencia, o *Diario de Lisboa* que, laboriosamente, mas com uma confiança e uma alegria inegualaveis, conquistara um publico em que palpitava a fé mais ardente nos destinos da Patria foi obrigado a suspender a sua publicação, acusado de perturbador da ordem publica.

Nunca imaginámos que o nosso esforço desinteressado, o amor com que vinhamos lutando para firmar os alicerces de uma sociedade que tantas forças hostis pretendem arruinar seria premiado com tão estupenda recompensa.

Desde domingo, quando nos foi notificado que a autoridade militar nos condenava a um silencio absoluto, nós não tendo uma pena, livre de coacções, para desabafarmos, traduzindo o nosso intimo desgosto, vimo-nos obrigado a proceder a uma serie de reflexões bem amargas contra a justiça dos homens e tambem contra os seus lapsos de memoria.

Como é que era possivel culpar de sedicioso um jornal que, desde o seu aparecimento, em abril de 1921, protestara sempre, sem um desanimo, combatendo os motins, sedições e revoluções que tantos danos causavam ao país, não obstante a boa fé e as belas intenções de alguns dos seus promotores!

Que falem a tal respeito os leitores do *Diario de Lisboa*, para se saber, de maneira a não restar a sombra de uma duvida, se, por ventura, alguma vez eles perceberam, atravez das nossas palavras, o mais leve intuito de concorrer para as periodicas agitações em que se consome uma Nação que tinha direito a viver em paz, trabalhando, progredindo, sem se entregar a lutas em que se derrama o seu sangue—sangue precioso, porque é português, digno, portanto, de ser poupado como um tesouro de heroismo, para as horas sagradas dos sacrificios redentores.

Afirmamos, com o maior orgulho e sem receio de desmentido, o seguinte—não temos qualquer intervenção nas scenas sangrentas que enlutam a Patria e fazem da sua velha alma, religiosa e belica, um triste espectro, rondando, a horas mortas, pelas esplanadas dum castelo abandonado.

Muitos dos nossos homens publicos não ignoram que somos incapaz de faltar á verdade, assumindo atitudes dubias, a fim de nos pouparmos ás magoas da derrota, calculando arteiramente os proveitos certos da vitoria.

Não somos de nenhum partido, seita, grupo ou escola.

Nunca nos sugeitámos a ter numero ou coleira.

O *Diario de Lisboa* não nos foi legado em herança ou partilha macabra; creámo-lo com um grupo de rapazes que lhe têm consagrado, alheios a desfalecimentos, o seu entusiasmo intacto, a sua dedicação inexcedivel.

Ao publico devemos uma afeição constante, uma simpatia que nunca se desmentiu e que sentimos bem ao pé de nós durante estes dias em que tivemos de calar-nos, como se nós quizessemos atear as labaredas da revolta.

Nunca esqueceremos os testemunhos de solidariedade que recebemos de tantas pessoas, muitas das quais nem sequer conhecemos.

Compreendemos que existe no coração humano alguma coisa maior que os odios que geram as vilanias e os sentimentos torvos que conduzem é deslealdade.

Esta convicção anima-nos, no momento em que traçamos esta pagina, a persistir na nossa antiga atitude, erguendo os olhos bem alto para não descobrir miserias e arrancando do nosso peito qualquer mau fermento que a injustiça lá ousasse semear.

Continuaremos a ser o que sempre fomos—amigo de todos os portugueses de raça e adversario dos vagabundos que imaginam que Portugal é um valhacouto de ruins paixões e ambições. Muito pouco vale um jornal e um jornalista, perante a grandeza duma causa que interessa a seis milhões de almas.

A nossa vaidade reduz-se a pó, pois só Portugal é grande!

De todas as nossas tremendas revoluções, quando a paz se estabelecer entre nós, não ficará talvez o punhado de cinzas suficiente para lançar ao rosto do derradeiro ingenuo.

Ha lagrimas no seio das familias, soluços que as amarguras arrancam dos corações feridos, lamentos que se escondem em lares infelizes, supliças que se perdem na mais gelida indiferença...

Alimentamos esta inabalavel certesa—tudo passará depressa, pois Portugal não lança a sua vida em aventuras desvairadas, visto que crê na grandesa do seu passado, afim de avançar para um futuro explendido.

O *Diario de Lisboa*, que nunca foi derrotista, confia na liberdade—hoje tão exposta aos golpes dos que julgam servi-la—para se restabelecer a concordia, no seio das gentes desavindas.

Os proprios erros hão de apressar a nossa educação.

A' medida que as paixões abrandarem a sua furia fanatica, o bom riso português, o riso dos nossos pais, aflorará em todos os labios.

A nossa subida ao Calvario hade terminar numa resurreição.

O *Diario de Lisboa* vive nesta crença imperecivel.

Durante estes dias, teve ocasião de contar os seus amigos—os que na adversidade não debandam. Ficou contente.

Nos seus inimigos não pensou, porque lhe ocorreu este pensamento de Anatole France:

—«Quando te vires na desgraça, aprende a trautear uma valsa».

Isto fizemos, para não darmos aos que nos querem mal o desprazer de os contemplarmos na sua degradação.

E' a nossa maneira de praticarmos as obras de misericordia.

Foi o *Diario de Lisboa* suspenso, por trazer o amontoado de inexatidões a que se referiu o sr. presidente do Ministerio, em entrevista que concedeu ao nosso colega *A Tarde*?

Houve outros motivos? Teriam aparecido, nas suas paginas, quaesquer artigos violentos, como parece deduzir-se tambem da mesma entrevista?

Estas perguntas aqui ficam, aguardando que alguem lhes dê a necessaria resposta—uma resposta tão justa e verdadeira que ninguem possa encolher os hombros. O nosso numero de sabado ultimo sugeitou-se á censura que o mutilou fortemente e que o podia transformar num campo deserto... de letras.

Porque o não fez?

Não ha nele mais que o nobre cuidado de bem informar o país.

Se algumas das suas noticias não correspondiam á exacta realidade dos factos, o lapis do censor tinha obrigação de corta-las.

Convem saber-se que o jornalismo não tem o rigor da historia, sobretudo quando é feito ao som da metralha.

Não se lhe pode exigir uma verdade completa, um pleno conhecimento das coisas.

Esperavamos, porém, que a nossa habitual linha de imparcialidade fosse tomada em consideração.

Era demasiado que os outros fossem para nós como nós costumamos ser para com todos?

Artigos violentos não publicámos nenhum, já que a violencia não cabe no nosso animo.

O numero de domingo do *Diario de Lisboa* que já não pôde circular, mesmo se fôsse á censura, era qualquer coisa de notavel pela intenção patriotica que o inspirava e pela naturesa da sua colaboração.

Quanto nos pésa que tão excelente trabalho se perdesse, quando é certo que muito contribuiria para dar uma nota lirica e heroica—um largo sopro de ar e luz—ás horas que se seguiram ao termo das hostilidades.

Os fados, porém, determinaram o contrario.

O *Diario de Lisboa* entrou no silencio—cinco dias de filosofia desenfastiada.

Das nossas reflexões extraimos isto, que foi já da experiencia dos nossos antepassados:

—«A peor cegueira é a dos homens que governam, quando o poder lhes pesa nas mãos».

A língua

LIV

Ingresia mercantil

Afonso Lopes-Vieira, cujos títulos literários o impõem como artista e como erudito e que dedica verdadeiro amor á pureza da linguagem nacional, iniciou agora, na magnifica *Revista de Filologia Portuguesa*, que em San Paulo, (Brasil), se publica sob a exemplar direcção do aplaudido academico e filologo dr. Mario Barreto, uma serie de interessantes *Aforismos* linguisticos, como êste, que se transcreve:

—«Entrei hoje numa tabacaria pobre, para comprar fosforos, ao mesmo tempo, entrou um soldado, que preguntou ao velho lojista se tinha cigarreiras.

—«Tenho em metal,—respondeu êle.

«A isto nos tem levado o ensino dos liceus, a prosa dos jornais, a lingua dos salões.

«Entrudo linguistico, *Dança da Morte* do Idioma!»

E' sensato e oportuno o registo e o protesto; mas eu aposto, dobrado contra singelo, que uma duzia, pelo menos, dos meus bons e ingênuos visinhos não viu o porquê do protesto.

O protesto é contra a resposta do lojista; que tinha cigarreiras *em metal*.

Cigarreiras em metal é uma das tais ingresias mercantis, que a gente ouve todos os dias; *vestidos em seda, relogios em prata, grupo em faiança, anéis em platina, tinteiro em mármore, estante em carvalho*...

E, contudo, é tão fácil passar tudo isto para português! Basta substituir o *em* por *de*.

* * *

É também mercantil a ingresia, com que, a toda a hora, se pedem numa loja *duzentas* gramas de chá, *duas* gramas de retrós, e se ouve a pregunta:

—Quantas gramas deseja?

Nós temos, em português, o vegetal *grama*, que é do gênero feminino; mas o pêso *grama*, ou *gramma* não é senão masculino. Portanto, *dois gramas, duzentos gramas*...

* * *

Parecida com esta, há outra corruptela, tão vulgarizada já, que talvez seja muito difícil eliminá-la de vez.

O *cinematógrafo* simplificou-se em *cinema*, e até em *cine*, mas ninguém diz *uma cinema*. E contudo o *decalitro*, que é masculino e que se simplificou em *deca*, sofreu outro destino, porque o povo diz *uma deca*, e não sei se haverá quem o leve a dizer *um deca*, como se diz *um decalitro*.

Em todo caso, aqui fica tambem um protesto, e os fados dirão o mais.

15-IV-925.

C. SENIOR

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 20,30—Concertos da Orquestra Sinfonica de Madrid.
Nacional—A's 21—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—Não ha espectaculo.
Avenida—Não ha espectaculo.
Politeama—Não ha espectaculo.
Apolo—A's 21—«Tiroliro».
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée».
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Recio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Gampelide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

NO PAIZ VISINHO

A feira de Sevilha e as corridas de touros

Sevilha está em festa, festa de Primavera, festa de todas as primaveras. Sevilha está em feira, a feira de todos os anos, a melhor feira de todas as feiras espanholas.

Muitos portugueses vieram em automoveis, muitissimos em caminho de ferro, e todos se confundem com os archi-muitissimos forasteiros que Sevilha albergua em tal data de todas as primaveras, enchendo todos os hoteis, ocupando todas as «fondas».

O grande acontecimento da ante-feira foi o concurso de «cante-hondo» realizado no sumptuoso Hotel Alfonso XIII, ainda em construção, e decorado para receber no seu pateo grandioso a fina flôr de Sevilha e dos seus hospedes.

Distribuiram-se premios metalicos pelos cantadores «Gitanillo» e «Niño de Marchena» e pelos grupos da «Zambra» Gitana e «cuadro flamenco de la Macarróna». O veterano cantador Antonio Chácon, acompanhado pelo tocador Montoya, foi ouvido com religioso silencio. Cantava Don Antonio Chacón, o dos punhos solemnes e atitudes sublimes, e que só bebe «Soléra»! Don Antonio Chacón!

«Faenas camperas» impediram-nos estar em Sevilha nos dois primeiros dias de feira e no regresso, durante o «encierro» dos Miuras, preguntámos a Fernando Gilis, o popular «Claridades» de «Informaciones», «informaciones» das duas primeiras corridas.

—«Los toros bravos, los toréros mansos», respondeu-nos sintéticamente o intimo de Belmonte.

Na corrida de Miura confirmámos o que nos disse o aficionado inteligente, porque os touros, senão bravos, foram pelo menos faceis, sem nada do tragico da vacada das cinco letras, e os toureiros estiveram mansos, tal como os classificou Gilis.

Na ultima, os Santa-Coloma, com excepção do primeiro, que foi manso, foram bravios e bem apresentados. Assistiram ás duas ultimas corridas os Reis e o Presidente do Directorio, a quem o cabelo embranqueceu pelo peso da governação.

Dos toureiros foi Litri o mais valente e terminou a feira saindo em hombros com vivas a Huelva.

Martin Aguero tambem esteve valente e sempre que entrou a matar foi para confirmar a sua fama de grande estoqueador, marcando o «volapié» com arte e deixão, direito e «despacito».

Chicuelo fechou a feira com uma «faena cumbre», das que só podem ser firmadas por uma grande figura do toureio, e sublimada pelo seu estilo de finissimo artista. Só e nos «médios» toureou erguido, parado, estatuario, po. naturais, de peito, efaralados e de varias caprichosas marcas, terminando com um enorme «pinchazo» e uma boa estocada, arrancando-se bem.

Este é Chicuelo, um toureiro que se fosse sempre assim acabavá com todos os toureiros.

Antonio Posada foi colhido na primeira tarde e La Rosa fracassou definitivamente na carreira tão bem iniciada.

No setimo touro da ultima corrida, que pertencia a Aguero, apareceu pela mão deste Inacio Sanchez Mejias que, prévio pedido ao Rei, pôs dois pares de bandarilhas enormes, sesgando por dentro, na sua sorte da «mariposa». A ovação foi monumental e Inacio deu a volta ao «ruedo» acompanhado de Aguero. O publico «meteu-se» com o empresario Salgueiro, por não ter contractado o valente espada para a feira da sua terra.

Sanchez Mejias, dias antes, na sua casa de «Pino Montano», que pertenceu a seu cunhado Rafael, tinha-nos anunciado uma festa de «acóso» e derriba em «Tabladilla», com Cañero e Belmonte.

A festa foi proibida, mas o voluntarioso toureiro conseguiu que Salgueiro ouvisse asperas censuras, ao mesmo tempo que o publico vitoriava o discutido toureiro do pleito dos empresarios.

A Cañero, voluntariamente solidario com Mejias, pergunta o Rei: «Está arreglado eso del pleito?» e como o «caballista» respondesse que totalmente ainda não, o Rei ofereceu: «Se quieres te lo arreglo yó».

O campo da feira, decorado a branco e vermelho e com uma linda fonte luminosa no cruzamento onde estava a «pasarela», esteve animadissimo pela manhã e á tarde no desfile do «córso», em que se viam muitas amazonas, das aristocraticas estrangeiras que os duques de Alba hospedam no Palacio de las Dueñas, e «jinetes» andaluzes, como o clasico Juan Jacobs e Don Antonio Cañero. Estes dois «caballistas» escoltaram a carruagem regia na chegada a Sevilha e Cañero foi vitoriado na feira de gado, montando um belo cavalo com o ferro de Veragua.

Para Portugal venderam-se varios cavalos, alguns para a remonta do exercito, que tambem os adquiriu em Cordoba, entre eles cinco «pótros» de Don Antonio Cañero.

Os «Columpios», «tios-vivos» e fenomenos de feira enchiam toda a rua chamada «del infierno».

O maior acontecimento taurino destes dias, conhecido de todos pelos jornais e indirectamente por meia duzia de que fizemos parte, foi a atuação de Juan Belmonte na tenta de bezerras de D. Antonio Florez. Os automoveis do ganadéro, e de aficionados como Giles, Guitarte, Miranda e Eulate, e um pequeno «Ford» em que iamos nós e os grandes Belmonte e Cañero, constituiram uma caravana que despertou a curiosidade de Triana e que saiu numa manhã da feira sevilhana para Aznalcollar, a setenta quilometros da Huelva. Ali, em beserrras oriundas da ganaderia do duque de Bragança e na maioria de Garvey, saboreamos o «temple» e a suavidade genial do toureio belmontino, tão diferente de todo o outro toureio, tão extraordinario na elasticidade ritmica dos movimentos, tão enorme, tão divino.

Pela primeira vez depois do regresso da America foi saboreada a arte de Belmonte, que, na opinião do seu trovador Gilis, deu uma das suas melhores e mais catedraticas lições da arte de tourear. Os naturais e de peito e as veronicas e meias veronicas que dele solicitavamos, eram dados com tal arte que todos nos entusiasmámos com uma emoção que tinhamos olvidado.

Finda aquela manhã, que os que ficaram em Sevilha dariam muitos duros por presenciar, confessámos sinceramente que, dos toureiros a pé, só um podia melhorar a impressão que recebemos; aquele grande toureiro que morreu em Talavéra e que nos olhava do cartaz colorido que decorava a parede do «cortijo» de Aznalcotar.

Pobre Joselito, como te recordamos sempre nestas feiras da tua Sevilha!

Foi esta manhã a melhor e mais toureira das que antecederam as tardes desta feira sevilhana de 1925, replecta de estrangeiros que encheram os hoteis e os teatros, onde a Barrientos e Teran deram concertos e representava a companhia de Maria Guerrero, e os de variedades onde pontificavam as sacerdotisas flamencas «Niña de los Peines» e «Dóra La Cordobesita».

Terminou a feira sevilhana de 1925.

Os que entrarem em Sevilha com duros e ilusões, retiram sem duros nem ilusões. «Onde vás? — A la féria! De onde vienes? De la féria!»

El Terrible Perez

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Alice Ferreira Pinto, D. Maria José Caldeira Ordaz Pinto Cardoso, D. Maria de Noronha de La Casa e D. Maria de Araujo Fernandes.

E os srs.:

Dr. Fiel da Fonseca Viterbo, dr. Alberto Pedroso, dr. Manuel Nunes da Silva, Manuel Carlos de Freitas Alzina, Guilherme Gião, Diniz de Melo, Manuel Bordallo Pinheiro, Jorge Machado e Luiz Trigueiros.

A Caridade

«Florinhas da Rua»

Proseguem com toda a atividade os preparativos para a grande festa hipica que no domingo, 3 de maio, se realisa no magnifico campo de obstaculos da Sociedade Hipica Portuguesa, a favor das «Florinhas da Rua» levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, e para a qual já estão incritos os nossos melhores cavaleiros.

Casamentos

Na paroquial igreja do Sacramento realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Dulce dos Santos Gameiro, gentil filha da sr.ª D. Candida dos Santos Gameiro e do sr. Joaquim da Silva Pinto Gameiro, com o tenente de infantaria sr. Alfredo Torres Baptista, filho da sr.ª D. Henriqueta de Oliveira Torres Baptista e do sr. Antonio Joaquim Filipe Baptista, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria da Conceição Santos Frazão e D. Virginia Perry Vidal Pereira Bastos, e de padrinhos os srs. Raul Miguel dos Santos e general Pereira Bastos.

—Para seu filho Francisco, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Izabel Vidinha Cancio, esposa do sr. Manuel de Jesus Cancio, a sr.ª D. Alice Graça Leite, filha da sr.ª D. Rosa Graça Leite e do sr. Gomes Leite.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

—Foi pedida em casamento pelo sr. dr. Francisco Pereira, para o sr. dr. Antonio Barreiros Cardoso, a sr.ª D. Odilia Braz Cardoso Pessoa, filha da sr.ª D. Maria Herminia Braz Cardoso Pessoa e do sr. Guilherme Cardoso Pessoa.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

Na Casa Alcobia

Continua sendo concorridissima a magnifica exposição de fotografia do distincto artista Fernandes Tomaz, nas belas salas da Casa Alcobia, á rua Ivens, recordando-nos ter ali visto as seguintes pessoas:

João Franco Monteiro, Visconde de Sacavem, D. José Pessanha, Rocha Martins, D. Adelaide Lima Cruz, Otavio Bebone, Carlos Reis, Raul Brandão, João Reis, Aquilino Ribeiro, José Leite D. Berta Leite, Dr. Filipe Mendes, Carlos Pimentel, Dr. Eduardo Faria, Alvaro de Andrade, Artur Portela, Afonso Gaio, Armando Boaventura, Stuart Carvalhais, D. Maria Adelaide Sousa Cruz, João de Bragança, D. João de Avilez, Jorge Reguengos, Augusto Pinto, Heitor Antunes, Costa Mota Sobrinho, Jorge Barradas, Antonio Carneiro e Felix Correia.

Noites de arte

Termina amanhã no escritorio da empreza do teatro São Luís, a assinatura para os cinco unicos espetaculos que vem dar a esse teatro as celebres cançonetistas francezas Maurice Chevallier e Yvonne Vallée, os dois grandes idolos do publico parisiense. Completam os espetaculos de «music-hall» a notavel dançarina ingleza «miss» Jean Carroll e a graciosa «tonadillera» Paquita Alcasaz, actualmente uma das artistas de maior nomeada em toda a Espanha.

Dentro de alguns dias começaremos a publicação da nota das pessoas que já teem bilhetes para estes sensacionais espetaculos cuja estreia se realisa a 30 do corrente.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Amelia Pinto da Rocha, parte brevemente para Paris, o sr. Octavio Pinto da Rocha.

—Partem dentro de alguns dias para França os srs. Viscondes de Maiorca.

CRONICA DE VIAGEM

O aspecto cosmopolita

DE LOURENÇO MARQUES

e uma visão da vida de alegria e de prazer durante a "season,,

LOURENÇO MARQUES, março. —Ah! Se os senhores viessem directamente de Loanda a Lourenço Marques, dizem-nos a cadá passo as delagoenses, logo notariam a diferença.

E, na verdade, assim deve ser. Enquanto a capital de Angola conserva ainda uma pobre fisionomia provinciana e habitos genuinamente portugueses, a capital de Moçambique vai progredindo rapidamente e a sua fisionomia torna-se cada vez mais cosmopolita, cada vez menos portuguesa.

—Veja como esta cidade foi projectada e considere que daqui a alguns anos, se o seu desenvolvimento continuar com a mesma febre, será uma grande metropole africana, comparada ás maiores cidades da Africa do Sul.

E' certo... E' certo... Quando estas longas avenidas solitarias se povoarem de casas, quando as montras suntuosas dos mercadores embelezarem as ruas estreitas da cidade antiga, quando o movimento do porto corresponder á sua maravilhosa situação geografica, Lourenço Marques será a primeira cidade da Africa Oriental, como já hoje é a primeira capital do nosso imperio ultramarino.

E a verdade é que nos ultimos anos a cidade tem-se desenvolvido a olhos vistos. Em 1923 e 1924, segundo as estatisticas, construiram se mais de duzentas habitações. Saindo dos acanhados limites da Baixa, a cidade estendeu-se graciosamente pela encosta, em avenidas ajardinadas e silenciosas que fórmam á noite intermináveis renques de luz. *Chalets* elegantes, escondidos por entre o verde aveludado da vegetação tropical, vão surgindo aqui e acolá, numa promessa risonha de conforto a que não estão habituadas as nossas cidades coloniais.

Os electricos emprestam-lhe já uma certa vida europeia. As colonias estrangeiras dão-lhe um acentuado caracter cosmopolita. A população de Lourenço Marques, onde os portugueses ainda constituem maioria, é formada por gente de todas as raças e de todas as religiões. Ha gregos, franceses, italianos, chineses, arabes, persas, ingleses, judeus, banéanes, e, sobretudo, monhés. O monhé alastra na Africa Oriental como uma praga. Dedica-se ao comercio, suga o oiro da colonia, alimenta-se frugalmente de arroz e manda para a India os lucros fabulosos da sua mercancia. A' porta das lojas, com um sorriso humilde nos labios e um barretinho vermelho na cabeça, os seus olhos faiscam animados pela febre do oiro e do negocio. Vivem pobremente, em baiucas imundas, empilhados como sardinha em canastra. Emprestam á cidade um certo aspecto de vida oriental e ha-os que têm manhas de fakir, encantando serpentes ao som melodioso de uma flauta e recolhendo *shillings* no fundo de uma bandeja.

* * *

No entanto, ainda é a colonia inglesa a que ocupa o primeiro logar e a que maior influencia exerce sobre os costumes. Em toda a parte se ouve falar inglês. Nos carros electricos, os avisos são escritos em português e inglês. Nos estabelecimentos, os preços estão marcados em *shillings*. Ha mesmo um cinema, o mais frequentado, que conserva as legendas na lingua de John Bull e um jornal, o de maior circulação na colonia, que é redigido de preferencia em inglês.

E' a esta acentuada influencia britanica que se chama, supomos que com fundamento, a desnacionalisação de Lourenço Marques.

A este respeito, as opiniões dividem-se. Ha os exageradamente nacionalistas, que odeiam o inglês e não transigem com a influencia que ele vai exercendo sobre a colonia. Ha os anglofilos, que têm habitos ingleses, falam a lingua deles melhor do que a nossa e louvam sistematicamente, tudo quanto é inglês, para dizer mal, sistematicamente, de tudo quanto é português. Ha, emfim, os indiferentes, que aceitam a colonização inglesa como um mal necessario ao desenvolvimento de Lourenço Marques e á prosperidade da provincia. Estes constituem, felizmente, a maioria. Entendem eles, e muito bem, que a culpa da chamada desnacionalização cabe exclusivamente aos portugueses.

Emquanto os nossos capitais, que poderiam ter aqui um futuro brilhante, têm receio de dobrar o Cabo e preferem gosar, esterilmente, as delicias da Metropole, os inglezes — que não são tolos — vão aproveitando com habilidade aquilo que nós, prodigamente, desprezamos. A infiltração é lenta e pacifica, mas a manobra é segura. Acorda a tempo, oh apagado orgulho da raça! se não queres perder este pedaço de terra portuguesa que o teu sangue generosamente regou.

* * *

Ha uma epoca do ano, a *season*, em que Lourenço Marques é completamente inglesa. Dos montes auriferos do Transvaal descem os prodigos milionarios e as alegres *misses* que vêm a Lourenço Marques gosar o encanto da estação. Povoam-se os *chalets* e os hoteis de cabelos loiros e de cinza de charutos. A praia da Polana enche-se de movimento e de ruido. Os automoveis buzinam longamente nas intermináveis avenidas asfaltadas. A libra canta na sua voz de ouro a serenata maliciosa da alegria e do prazer. Respira-se por toda a parte, nessas tardes luminosas de junho, um ambiente cálido de volutuosidade. Sob as perfumadas arvores tropicais, á luz do luar, fala-se de amor e de desejo. A sombra amavel das acacias oculta o delicioso misterio da criação. O sol de Africa incendeia o sangue este capitoso perfume que enche a atmosfera de embriaguez e de suavidade ateia o incendio que arde em labaredas de luxuria nas delicadas veias azuladas.

E as pudicas *misses*, educadas no culto da Biblia e das virtudes cristãs, deixam-se embalar suavemente por este delicioso sonho côr de rosa que lhes perturba lentamente os sentidos.

Em frente da baía azul, os seus olhos de esmalte têm fulgurações estranhas. A brisa acaricia-lhes levemente os cabelos doirados e o ar salino do mar esperta-lhes o movimento ritmico das narinas. E elas reconhecem que os portugueses são delicados, são atenciosos com as senhoras. Sabem amar e sonhar.

—Ah! a *season*! a *season*! — exclamam a cada passo estes rapazes solteiros, de olheiras romanticas, que durante o resto do ano bebem cerveja e «whisky» nos placidos quiosques da praça 7 de Março...

* * *

E lembrar-se a gente de que não ha ainda muitos anos a cidade tinha que ser protegida dos ataques do vatua aguerrido por uma linha de arame farpado, junto da qual as sentinelas vigiavam, de dia e de noite!

Para que as delicadas *misses* possam agora gosar as delicias da *season*, sob o olhar pacifico do indigena, jazem no pequenino cemiterio de Marracuene, entre arvores e flores, os soldados portugueses que morreram pela Patria, abrindo gloriosamente á civilisação europeia o caminho misterioso do sertão.

Oh, candidas donzelas de olhos azues e de sorriso claro, rezai por eles!

Norberto Lopes.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Comissão do Serviço de Abastecimento de Carnes

MATADOURO

A' lavoura

Constando que está sendo propalado nas diversas regiões do país, por individuos mal intencionados, que esta Comissão paga o gado bovino por preços mais baixos do que os estabelecidos, previne-se a lavoura de que as condições para a acquisição são as seguintes:

1.ª — O preço por cada 15 quilos de carne limpa, é de 130$00 Escudos para o gado adulto proveniente das regiões ao norte de Alfarelos, Figueira da Foz e Castelo Branco e bem assim para o hado dos Açores. e de 120$00 Escudos para e de outras procedencias. O gado adolescente é pago a 8$00 cada quilo.

2.ª — A fim de evitar os intermediarios, esta Comissão recebe directamente dos lavradores todo o gado que lhe seja oferecido em condições proprias para o consumo.

3.ª — Os lavradores e creadores que disponham de reduzido numero de cabeças, devem entrega-las ao sindicato agricola da região, que se encarregará de o remeter á Comissão de Serviço de Abastecimento de Carnes, em Lisboa.

4.ª — Estes preços não serão alterados emquanto se mantiver a actual divisa cambial.

Lisboa, 23 de Abril de 1925.

Pela Comissão de Serviço de Abastecimento de Carnes da Camara Municipal de Lisboa,

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

A Cidade

Chá das cinco

Um romantico

Sim, neste mundo positivo dos nossos dias, ainda não está sêca de todo a semente do romantismo. Entendo por esta expressão *romantismo*, excesso de vibração, alma excessiva, vida trasbordante. Digam os racionalistas o que quizerem, romantismo quere dizer vida — vida no mais alto grau.

Querem vocês um romantico? Entrem na *Brasileira* e conversem com Araujo Pereira. Tudo nele é vibração. E' feito de nervos, de vibração interior. Sonha, sonha, sonha — e a vida é o prolongamento do seu sonho.

Vejam vocês — agora que tanto se fala em teatro novo — como ele soube criar, com carinho e com mocidade, um pequeno teatro de almas, *Juvenia*, lá para cascos de rôlha, inacessivel aos manequins do Chiado como aberto aos peregrinos das estrelas. Vejam vocês como ele quere fazer arte — como ele quere levantar figuras, como ele sonha revelar sentimentos...

Araujo Pereira merece, sobretudo, dos poetas, um carinho, uma simpatia especial. Ainda não ha muitos dias que ele combinou comigo um recital de poetas novos, por uma das suas discipulas mais novas e, por isso, mais perto da natureza e da alma. Será brevemente publicado o programa dessa festa. E ainda bem que *Juvenia* fica longe — para que só lá vão as musas que têm por habito percorrer as encantadas distancias...

Alves Martins

DE LUTO

D. Julia Simões do Rosario

Aos estragos duma broneo-pneumonia sucumbiu esta madrugada, pela uma hora e meia, a sr.ª D. Julia Gabriela de Figueiredo Simões do Rosario, esposa amantissima do nosso querido amigo sr. Mario do Rosario, funcionario superior do «Diario de Noticias» e filha do sr. Justino da Fonseca Simões, já falecido, e da sr.ª D. Maria Amelia de Figueiredo Simões, tendo resultado infrutiferos todos os esforços da sciencia e os desvelados e constantes carinhos de seu esposo, mãe e irmãs.

O falecimento desta desditosa senhora, que contava apenas 23 anos de idade e deixa orfãs duas encantadoras creancinhas, uma menina de quatro anos e um menino de três, que eram todo o seu enlevo, causou o mais profundo pesar em todas as pessoas que puderam apreciar o seu espirito, virtude e dotes de coração.

O seu funeral realiza-se ámanhã, 25, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da casa da sua residencia, rua n.º 3, á rua Correia Teles, letras S. S., 1.º-dt., para o cemiterio ocidental. O acompanhamento é a pé.

A' familia da extinta e especialmente ao nosso presado amigo, sr. Mario do Rosario, alanceado por tamanho golpe, endereçamos os nossos sentidos pesames.

Pedro James Galhardo

Faleceu hoje o sr. Pedro James Galhardo, de 19 anos, filho do senador sr. Herculano Galhardo e da sr.ª D. Joana James Galhardo e sobrinho do emprezario teatral sr. Luiz Galhardo. O funeral realiza-se ámanhã.

A toda a familia enlutada envia o «Diario de Lisboa» sentidas condolencias.

Esclarecimento

Procurou-nos hoje, o pai do capitão de infantaria 16, aquartelado em Santarem, sr. Mario Botelho da Mata e Silva para nos dizer que seu filho nada teve com os ultimos acontecimentos, não sendo ele o oficial que esteve na reunião do Congresso Democratico, no Liceu de Camões, em nome dos revoltosos, mas, sim, um tenente de nome Mata e Silva e Oliveira.

A TARDE POLITICA

Só reunirá de 23 a 25 do mez de maio

o congresso do partido democratico que se dissolveu durante o ultimo movimento

Os nossos colegas da manhã deram já a noticia — Silverio Junior, velho republicano, desde sempre filiado no P. R. P., morreu ontem após prolongado e doloroso sofrimento. Funcionario superior do ministerio da Instrução, Silverio Junior merece mais do que o banal registo da sua morte. Era um velho republicano dos tempos da propaganda, incapaz de uma vingança, justo e recto como funcionario e de uma honestidade inexcedivel como politico. Deviamos estas palavras á sua memoria e esta homenagem á sua estatura de homem de bem, que que o foi sempre, na maxima acepção da palavra.

* * *

Deve hoje ficar liquidado na Camara o largo debate que se estabeleceu á volta do pedido de suspensão de immunidades feito pelo comando da 1.ª Divisão sobre os deputados srs. Cunha Leal e Garcia Loureiro. Ficaram ontem dez oradores inscritos e possivel é que hoje alguns mais se inscrevam ainda. Segundo, porém, nos informam a sessão de hoje será prorrogada e o caso liquidar-se ha pela melhor forma. Dizia-se que o governo faria do caso questão fechada. Parece, porém, que tal não acontecerá, limitando-se o sr. presidente do ministerio a declarar que acha necessario que se atenda ao pedido do Comando da Divisão, mas que deixa á Camara plena liberdade na solução do assunto. Se tal declaração se fizer haverá votação nominal e, se na Camara estiverem, como ontem, 65 deputados, o pedido será regeitado por 44 votos contra 21. Quere dizer, se o governo não fechar a questão, politicamente, a autorização não será concedida.

* * *

Mas se o fôr? Se tal hipotese se der, todos os parlamentares nacionalistas não só abandonam de novo os seus «fauteuils» na Camara, como enviarão para a mesa os seus «mandatos» de parlamentares.

* * *

O sr. dr. Domingos Pereira, presidente da Camara e uma das mais lidimas figuras do Parlamento, quer como parlamentar, quer como presidente da Camara, lugar que tem ocupado sempre com vincada isenção e nobresa, retirou ontem, no comboio da noite, para Braga, onde vai descançar uns dias das fatigantes horas das ultimas sessões.

* * *

Logo que seja levantada a suspensão de garantias reune o Directorio do P. R. P. para estudar e resolver sobre a convocação do Congresso do mesmo partido, que os ultimos acontecimentos interromperam. E' quasi assente que esse Congresso reune nos dias 23, 24 e 25 de Maio proximo.

* * *

Se não fôr autorisada a prisão dos deputados Cunha Leal e Garcia Loureiro, os parlamentares nacionalistas voltam a reunir-se no domingo á noite, no Calhariz, já com a presença dos seus correligionarios e resolverão, ao que nos informam, regressar definitivamente aos trabalhos parlamentares, devendo os srs. Cunha Leal e Garcia Loureiro comparecer já na sessão de segunda feira.

Afirma-se, porém, que o sr. Cunha Leal, dadas á Camara aquelas explicações que entende de seu dever pronunciar, se afastará, por algum tempo, não só dos trabalhos parlamentares mas ainda do Paiz.

* * *

Constava hoje nos Passos Perdidos que, liquidadas que sejam as questões agora pendentes nas duas Camaras e que aos ultimos acontecimentos dizem respeito, os trabalhos parlamentares serão interrompidos até que termine a suspensão de garantias. Se tal facto se confirmar, pelo que respeita á Camara dos Deputados, a sua ultima sessão, antes desse prazo, será a de hoje, e no Senado a de amanhã, se fôr marcada extraordinariamente, ou a de terça-feira proxima, se algumas medidas houver que exijam essas reuniões. O Parlamento deverá ser adiado *sine die* e a sua convocação far-se-ha depois no *Diario do Governo.*

Na Presidencia da Republica

Almoçaram hoje no Palacio de Belem, com o Chefe do Estado, os srs. Presidente do Ministerio e seu secretario sr. Calado Nunes.

Após o almoço o sr. Presidente do Ministerio conferenciou com o sr. Teixeira Gomes, a quem participou a escolha que fizera para a pasta da Guerra,

A's 17 horas o novo ministro, coronel sr. Mimoso Guerra, será apresentado ao Chefe do Estado.

Tauromaquia

A corrida de domingo

No Campo Pequeno, realiza-se depois de amanhã, uma grandiosa corrida de touros em que tomam parte o notavel matador Inacio Sanchez Mejias, o primoroso cavaleiro Simão da Veiga, Filho, que tantos exitos tem obtido esta temporada, o cavaleiro Rufino da Costa, os bandarilheiros Custodio, Agostinho e A. Carvalho, os espanhois «Angelillo», Teofilo Guerra e «Malagueño» e oito valentes forcados, sendo cabo o destemido Matias Leiteiro. Manuel dos Santos, o antigo toureiro, dirigirá a corrida, sendo os touros de João Coimbra.

A corrida de Jerez

JEREZ DE LA FRONTERA, 23. — Os touros de Surgas sairam mansos. Cañero foi muito ovacionado pela arte com que colocou rejões e bandarilhas, recebendo um presente regio. Sanchez Mejias portou-se com grande valentia e Algabeño muito bem.—(H.)

Um desfalque de 75 contos

Pela policia de vigilancia da estação do Rocio, foi hoje preso Antonio Pinto Alvaram, empregado da sucursal da Caixa Geral dos Depositos, na rua Pascoal de Melo, acusado de ter praticado ali um desfalque no valor de 75 contos.

Conselho de ministros

A's duas horas da tarde, reuniu-se extraordinariamente, no ministerio das Finanças, o Conselho de ministros, tendo comparecido os srs.: general da Divisão, Adriano de Sá; Antonio Maria da Silva, Catanho de Menezes, José Domingues dos Santos e Alberto Vidal, vice-presidente da Camara dos Deputados, em exercicio.

"FOOT-BALL" INTERNACIONAL

OS PORTUGUEZES

como sempre não teem ainda seleccionado o grupo que jogará contra Espanha

Foi já no ano passado que nestas colunas se publicou um telegrama de Madrid com a data preferida pela Real Federacion Espanola de Futbol para a realisação do IV encontro entre as «équipes» nacionais de Espanha e Portugal. Estamos a vinte e três dias dessa data—17 de maio proximo—e nem se sabe sequer da comissão tecnica que ha de escolher o «onze» representativo português.

Incidentes varios fizeram escasso o tempo para preparação do desafio que em Lisboa se ha de realizar. Podemos, decerto, crêr que a parte administrativa pouco ou nada sofrerá com o atraso. Mas será licita identica afirmação no que se refere á parte tecnica—a de importancia maxima em caso tal?

Muito mais depressa tem andado a Federação Espanhola, cujo comité de selecção deu já a seguinte serie de nomes donde sairá o seu grupo nacional:

Guardas redes—Zamora e Barroso.
Defesas direitas—Passarin e Herminio.
Defesas esquerdas—Valana e Juanito.
Medios direitos—Samitier e Serra
Medios centros—Gamborena e Larraza.
Medios esquerdos—Peña e Serrano.
Estremos direitos—Vazquez, Piera e Reigosa.
Interiores direitos—Cubells, Valderrama e Triana.
Dianteiros centros—Oscar e Traviesso.
Interiores esquerdos—Carmelo e Polo.
Exteriores esquerdos — Chirri, Robus e Acedo.

Pois apesar deste avanço que «nuestros hermanos» nos levam, dois dos directores da Federação Espanhola afirmaram ha dias, numa reunião realisada em Madrid, que eram enormes as dificuldades para treinar seriamente o «team» que definitivamente se escolha! E acrescentaram que lamentavam que só em 1 e 3 de maio se pudessem fazer dois encontros de preparação!

Por cá, nem sequer ha ainda—repetimos—comissão tecnica nomeada.

A União Portuguesa de Foot-ball consultou as tres associações regionais de Lisboa, Porto e Algarve, para possivel composição do «comité» tecnico.

Lisboa indicou o nome de Ribeiro dos Reis. O Algarve indicou o de Nunes de Sousa. Do Porto—que saibamos—não ha resposta.

* * *

O quarto encontro entre as «equipes» nacionais de Espanha e de Portugal realisa-se, em 1925, a 17 de maio.

A ARTE E A LITERATURA

AS CONFERENCIAS

promovidas pela União Intelectual Portugueza e o que diz Carlos Selvagem

Já tivemos ocasião de noticiar a serie de conferencias que vão ser realizadas no salão do teatro de S. Carlos, promovidas pela *União Intelectual Portuguesa.*

Hoje, em conversa com o distinto dramaturgo Carlos Selvagem, ficámos sabendo os planos da referida *União Intelectual* e os assuntos das varias conferencias que vão realizar-se oportunamente.

—A verdade, a triste verdade, é que não existia ainda em Lisboa um salão de conferencias atraente, bem situado, de facil e agradavel acesso, aonde se fosse com praser. Para galgar até á inevitavel e erudita sala *Algarve* da Sociedade de Geografia, é necessario ter a coragem, as pernas e os pulmões dum geografo, explorador alpinista—afirma-nos o autor aclamado do *Entre Giestas.*

—A *União Intelectual Portuguesa*...

—Resolveu fazer esta coisa, ao mesmo tempo simples e extremamente complicada: comprar cadeiras e conseguir licença para se utilisar do salão do Teatro de S. Carlos. E a coisa fez-se. Ha já salão, ha já cadeiras.

—Só falta...

—Paga-las.

—Para isso...

—A *União* decidiu organisar uma serie de conferencias pagas, a primeira das quais se realisará brevemente, tocando Viana da Mota obras de Bach e explicando-as e comentando-as Francisco de Lacerda. Nas conferencias seguintes far-se-hão ouvir Reinaldo dos Santos, Jaime Cortesão, Joaquim Manso, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoais e este seu criado.

—O assunto da sua conferencia?

—Literatura portuguesa de ambiente exotico.

—Um tema interessantissimo.

—Sim, que eu tratarei o melhor que souber e puder. Entendo que devemos reatar o fio das nossas narrativas de viagens que fizeram o encanto literario dos nossos avós. De resto, é intuitivo que, sendo Portugal um país colonisador, tenha a sua literatura colonial. De resto, a literatura exotica tem ainda a vantagem de alargar o nosso mercado literario, fazendo obra de patriotismo pela propaganda dos nossos dominios coloniais.

—V. tem já um livro de literatura exotica...

—Sim, a minha *Tropa de Africa*, que vai sair em quarta edição, pertence a esse numero, bem como o recente livro de *Memorias de um caçador de elefantes*, de João Teixeira de Vasconcelos, cuja leitura me entusiasmou. E' necessario que se crie ambiente para esse genero de literatura, e é para isso que eu realiso a minha conferencia. Outros me seguirão, provavelmente.

Navios de guerra italianos

Pelas 13,30 entraram hoje a barra, fundeando no quadro dos navios de guerra em frente do Arsenal da Marinha, três «destroyeres» italianos—«Leone», «Pantera» e «Tigre»—que vêm ao nosso porto abastecer-se de generos.

O que nos dizem do governo civil

Já ha dias que se encontram presos nos calabouços do Governo Civil varios individuos acusados de estarem implicados no ultimo movimento revolucionario. Até á data esses individuos ainda não foram interrogados, em consequencia das respectivas participações da Policia de Segurança Publica não terem ainda sido entregues na P. S. E. Entre esses presos, encontram-se Arsenio José Filipe, Manuel Soares, o «Manuelinho do Intendente» e José Malatesta, que se dizem inocentes, afirmando que durante os dias do movimento revolucionario estiveram ao lado das forças fieis ao governo.

Tambem se encontra preso, por suspeita de ter lançado uma bomba no primeiro dia do movimento, na Rua dos Bacalhoeiros, Ernesto da Silva, o «Gadinhas». Essa bomba feriu ligeiramente o chefe Silva, da esquadra dos Caminhos de Ferro.

Apreensão de cartuchos

Os agentes Filipe da Silva e José Augusto, que se encontram ao serviço da P. S. E., apreenderam ontem, na residencia da sr.ª D. Maria Pia Fernandes Cherigo, na rua de S. Mamede, 37, 4.º, cento e vinte e seis cartuchos de «scheditte», por denuncia de serem destinados ao recente movimento revolucionario.

Esta senhora, sendo interrogada, declarou que aqueles cartuchos foram ali guardados pelo seu irmão Ramiro Fernandes Cherigo, empregado comercial e residente na rua do Recolhimento, ao Castelo, 38, 1.º, onde esta manhã foi preso. O Ramiro tinha sido preso na sexta-feira passada, por andar armado com uma pistola sem a respectiva licença de porte d'arma, sendo posto em liberdade por ordem do 2.º comandante da policia. Acontece, porém, que no dia em que rebentou o movimento, ainda se encontrava detido.

Pelos teatros

Concertos Arboz

Realiza-se hoje, em S. Carlos, o primeiro concerto do maestro Henrique Arboz, antigo professor dos Conservatorios de Bruxelas, de Hamburgo e de Madrid, do Royal College of Music de Londres, director da Sociedade Filarmonica de Berlim, e ha 21 anos director da Orquestra Sinfonica de Madrid, que ha cinco anos, entre nós, obteve um grande sucesso.

O primeiro dos tres concertos agora promovidos pela Sociedade do Teatro de S. Carlos com a Orquestra Sinfonica de Madrid realiza-se hoje, efectuando-se os seguintes ámanhã e depois, todos com programas diferentes, e que estão organisados com superior criterio artistico.

Os concertos estão marcados para as 8 horas e meia, a fim de terminarem ainda um pouco antes da meia noite, facilitando assim ao publico o cumprimento do edital das autoridades sobre o transito.

A venda avulso efectua-se nos proprios dias dos concertos, desde o meio dia, na bilheteira do teatro.

Vasco Sant'Ana

Vasco Sant'Ana, actor-comico, bastante novo, artista feito, já com uma excelente galeria de creações na companhia Armando de Vasconcelos, realisa ámanhã, no S. Luís, a sua festa artistica com a primeira representação da opereta «Bayadera», peça que, pelas suas qualidades, passará no dia 30 a ser representada no Avenida, até 4 de maio, para não interromper a sua carreira, durante os espectaculos naquele teatro dos cançonetistas franceses Maurice Chevalier e Ivonne Vallée.

Chevalier e Vallée

Encerra-se ámanhã, pelas 6 horas da tarde, nos escritorios do teatro S. Luís, a assinatura para as cinco unicas recitas que vêm a Lisboa realizar, de 30 do corrente a 4 de maio, os grandes artistas Maurice Chevalier, Ivonne Vallée, Paquita Alcaraz e miss Joan Carroll. Hoje devem ser retirados os bilhetes marcados.

Atrás do reposteiro

A companhia Lucilia Simões-Erico Braga dá hoje, ámanhã e domingo três espectaculos, respectivamente com as peças «Ninho de Aguias», «Mademoiselle Pascal» e «Signal de Alarme».

—Começaram os ensaios, no teatro Avenida, da companhia de declamação organizada pelo dramaturgo Alfredo Cortez e da qual são primeiras figuras Ester Leão, Beatriz Delgado e Clemente Pinto e director de scena o professor Antonio Pinheiro. Esta companhia estrear-se-ha no dia 16 de Junho.

—A apoteose do 2.º acto da revista «Tiroliro», que sobe á scena ámanhã no Apolo, foi pintada por José de Almada Negreiros.

—A começar no mês de Junho representar-se-hão em Madrid, no teatro Perez Galdós, em espanhol, as operetas da Parceria Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, «O João Ratão», «Perola Negra» e «J. P. C».

—Na peça «A Capital Federal», em ensaios no Trindade, o papel criado entre nós pelo actor brasileiro João Colás, vai ser interpretado pelo actor comico Brandão Sobrinho. O papel de mulata «Bemvinda», criado por Tereza Taveira, vai ser feito por Justina de Magalhães e o de «Lola», criado por Medina de Sousa, por Cremilda de Oliveira.

—A companhia do teatro Nacional parte para o Porto no dia 4, com a comedia «Os Ingleses». Na proxima segunda feira representa pela primeira vez em Lisboa a peça «Naufragos», de Fernanda de Castro, realizando a ultima recita de assinatura depois do seu regresso do Porto.

—A inauguração do teatro Joaquim de Almeida realiza-se na proxima semana.

—As artistas Anita Polar e Linzida Fierrer estão trabalhando no «Alhambra», do Parque Mayer.

—A actriz Maria Helena realiza a sua festa artistica no Porto, no dia 27, com a comedia «Era uma vez uma menina...»

—Parte no dia 5 ou 6 de maio, do Funchal para Ponta Delgada, a companhia Satanela-Amarante, que no seu regresso para uma digressão pelo país, estreará, possivelmente, no teatro Avenida, de Vizeu, durante os festejos oficiais daquela cidade.

—Na revista do teatro Maria Vitoria, «Rataplan», estreiam-se os actores João Silva e Alfredo Ruas, este ultimo em duas rabulas escritas propositadamente.

—O actor Seixas Pereira realiza a sua festa no teatro de S. Carlos com a peça «Madame Flirt» e o actor Samwell Diniz com a «reprise» do «Ninho de Aguias» e com a peça «Ceia dos Cardiais», interpretada pelo festejado, Erico Braga e Joaquim Almada.

—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro encontra-se em Setubal, dando uma pequena série de espectaculos.

—Chaby Pinheiro foi convidado por Macedo e Brito para dar, este verão, uma série de espectaculos no teatro Nacional, com peças do seu repertorio.

COMPANHIA DE SEGUROS "Garantia"

Sociedade Anonima

Responsabilidade Limitada

Capital realisado 1.000.000$00

(Um milhão de escudos)

Assembleia Geral Ordinaria

Convido os srs. accionistas para a reunião da assembléa geral ordinaria que terá logar no dia 30 do corrente mez, pelas catorze horas (duas horas da tarde) no edificio da mesma Companhia, á Rua Ferreira Borges, 37, para d'acôrdo com os artigos 37 e 38 e suas alineas, dos Estatutos se discutir e votar o relatorio, balanço, contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal e se proceder á eleição dos cargos da Companhia.

Ficam á disposição dos Srs. Acionistas os livros e mais documentos comprovativos, no escriptorio d'esta Companhia.

Porto, 8 de Abril de 1925.

O Presidente da Assembléa Geral

(a) *Antonio de Albergaria Castro e Silva.*

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

ESTRANGEIRO

FRANÇA

A' volta da crise ministerial

Era ha quinze dias, no meio dessa gravidade protocolar e quasi melancolica do Senado, sob os auspicios das estatuas de Colbert, de Turgot, de Necker...

Uma luz baça e vertical, uma luz neutra de Semana Santa na qual se deviam fundir lá no alto todas as coleras e todas as indulgencias do ceu, coava-se pelas vitragens, parecia mais indecisa no relêvo antigo das tribunas, esparzia-se até á figura alto-erguida do presidente senhor de Selves, até aos duzentos craneos — muito graves, quasi todos em reflexos frios e quasi completamente imoveis — dos pais conscritos que povoavam o anfiteatro.

Tudo era em torno muito grave, muito digno e pautado.

Os continuos, agaloados e melancolicos, passavam como sombras. O proprio publico, apinhado lá ao longe, nas galerias enquadradas de oiro e purpura, imobilisado, parecia não respirar.

E as figuras dos senadores dir-se-iam agora mais estranhas, mais antigas, de uma solemnidade de ritual. Depois, vistas a uma e uma, as fisionomias daqueles velhos, pareciam-me scepticas, ou desdenhosas, ou quasi mumificadas já, ou ainda embevecidas nalgum lindo sonho. E sem saber porquê — talvez por ser a primeira vez que eu vinha ao Senado — o ar solemne e quasi religioso que eu notava em tudo, lembrava-me a gravidade heraldica e desdenhosa dos senadores romanos quando Brernno assaltou o Capitolio num dia de catastrofe...

Mas, de repente, toda aquela friesa se fundiu, toda aquela classica serenidade se transmudou em confusão e em rancor.

E' que o sr. Herriot tinha erguido os ombros, sacudido a cabeça poderosa no seu ultimo protesto tão altivo:

— E' uma grande batalha que começa. Atacam-me e eu defendo-me... Mas não tenham ilusões — eu estou ainda de pé!

* * *

E o Senado saiu então da sua imobilidade colectiva, ou da sua classica sonolencia, para votar.

Mas o poderoso lutador que é o sr. Herriot, tinha entrevisto apenas as defecções e as traições mais eminentes ou mais despejadamente crueis. E não tinha contado com aqueles que, afectando uma grande anciedade pelo futuro do governo, se tornavam dia a dia mais impacientes nas suas exigencias; não tinha podido ouvir pelos corredores aqueles que, dizendo-se seus amigos, esmaltavam as intrigas dos varios grupos com funestos pontos de interrogação; não tinha sido avisado das solicitações ardentes feitas a muitos dos seus partidarios para se absterem de votar; não conhecia, na sua ingenuidade de homem muito superior e muito puro, a atmosfera deleteria que o cercava.

Assim, se a votação do Senado foi uma surpreza para muitos, essa surpreza foi foi para o sr. Herriot particularmente cruel.

* * *

Depois seguiu-se a crise — grave, demorada e caracteristica como poucas. A historia dessa crise — tão laboriosa e de um tão inesperado desenlace — poderia um dia amenisar-se com os comentarios e os ditos de espirito a que ela deu origem.

Não perdem nunca a sua habitual jovialidade, nem a sua graça espumante e aligera estes bons franceses — e o sr. dr. Moro-Giafferi, o sr. Briand, o sr. Poincaré mesmo, mostram-se agora verdadeiros mestres do humorismo.

Já aos primeiros boatos de crise o sr. dr. Moro-Giafferi costumava demorar-se nos corredores contando anedoctas de Landru.

Os amigos do ilustre advogado apinhavam-se para o ouvir, muitos dos seus adversarios, mesmo esqueciam as retaliações da politica e aproximavam-se-lhe sorrindo. E o sr. dr. Moro-Giafferi contava como no dia da execução de Landru, já no pateo onde o carrasco o esperava, ele tinha procurado evitar que o seu constituinte visse a guilhotina. Mas o momento fatal aproximava-se e o eminente advogado pretendia ainda arrancar ao lendario senhor de Gambais uma confidencia suprema:

— Vamos, Landru. Creio que terá alguma revelação a fazer-me, algum segredo a confiar-me... Diga-me a verdade, toda a verdade...

E Landru, que os ajudantes do carrasco vinham já buscar, sorria ainda, friamente, com o seu belo e misterioso sorriso.

«— Ah! A verdade... Isso é a minha bagagem para o outro mundo...»

Depois da votação que tinha condenado o Minigterio, o sr. de Moro-Giafferi foi o primeiro dos ministros a voltar ao hemiciclo do Senado.

Mas... como esta vae longa para o espaço de que se dispõe, diremos o resto em nova cronica.

Chagas Franco.

DE PARIS

Não ha disposições reservadas no tratado entre o Japão e os sovietes

PARIS, 24

Alguns jornais fizeram-se eco dum boato sem fundamento, segundo o qual o tratado concluido entre o Japão e os «soviets» compreenderia disposições, tanto militares como diplomaticas, de naturesa secreta.

Os meios autorisados do Japão em Paris, desmentem categoricamente este boato.

Com efeito, não existe protocolo de cooperação militar, e não ha tampouco clausulas secretas quanto a uma cooperação aerea dos dois paizes.

Por outro lado, o Japão não se comprometeu no quer que fosse a intervir a favor de reivindicações que viessem a ser apresentadas á S. D. N. pelos «soviets».—(H.)

Uma oferta á Sociedade de Geografia de Paris

O sr. Silvio Rangel de Castro, secretario da embaixada do Brasil, ofereceu á Sociedade de Geografia de Paris uma valiosa colecção de documentos relativos aos trabalhos e explorações da Comissão Rondon no oeste brasileiro, documentos que constam especialmente de livros e cartas topograficas.

Aquele diplomata brasileiro realisou, em 1903, na referida colectividade, e sob a presidencia do principe Rolando Bonaparte, uma notavel conferencia sobre a obra do general Rondon.—(A.)

A recepção ao governador Washington Luiz

O dr. Washington Luiz visitou o Havre, na companhia do sr. Francisco Guimarães, adido comercial junto da Embaixada do Brazil nesta capital. Esteve na Bolsa, onde assistiu ao pregão das cotações do café, indo em seguida á «Feira Gastronomica» e á «Semana do café», que se efectuam no Hotel Frascati. O antigo presidente do Estado de S. Paulo foi homenageadissimo, havendo-lhe sido oferecido um banquete. Depois de percorrer as docas, os entrepostos e os armazens gerais do café e algodão, o sr. Washington Luiz voltou a Paris.—(A.)

DE ROMA

A obra financeira e economica de Mussolini e a reunião dos banqueiros

ROMA, 23

Convocados pelo ministro das Finanças, os quatro directores gerais, Stringher, do Banco de Italia; Miraglia, do Banco de Napoles; Normino, do Banco da Sicilia, e Pace, do Tesouro, reuniram-se no ministerio das Finanças, sob a presidencia de Stefani.

No decurso desta reunião foi examinada a situação dos creditos e dos valores italianos.

A conversa girou tambem sobre a acção da Tesouraria do Estado e da obra dos institutos de emissão.

Este exame demonstrou a solidez da situação economica do país, considerada em si, e considerada em relação ao movimento do trafego internacional e á situação monetaria mundial.

A melhoria da circulação fiduciaria

Acêrca da acção dos institutos de emissão e da acção do Tesouro, verificou-se uma unanimidade de opiniões entre todas as personalidades presentes no que respeita á atitude equitativa a tomar para corresponder duma forma oportuna aos desejos do Parlamento e ás declarações do governo em vista de conciliar, da melhor maneira, as necessidades da economia geral, com a melhoria da circulação do papel-moeda.—(H.)

O balanço do Banco de Italia

ROMA, 24

Graças á energia de Stefani, ministro das Finanças, a liquidação na Bolsa, em fim de Março, pôde realizar-se sem grandes prejuisos.

O passivo, segundo um boletim financeiro, eleva-se a 651.379.000 liras, das quais 398.621.000 de aumento da circulação por conta do comercio, entre 20 e 30 de Março, como se conclui do balanço do Banco de Italia.—(H.)

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$50	98$75
* Paris	1$07	1$07,5
* Madrid	—	2$95
*/New-York	—	20$60
* Amsterdam	—	8$26
*/Suiça	—	4$00

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas	—	1$04,5
*/Italia	—	$85
*/Praga	—	$62
*/Brazil	—	2$22
Libra esterlina	103$00	108$00
Agio do ouro	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

Paz! Ao recomeçar a cronica, após este interregno da nossã inocente reinação, «hay» de pôr nisto, á laia de prologo, uma palavra de concordia. Paz! Paz e mais paz! Qu'a paz reine na irmandade! Qu'a paz seja capaz de capacitar-nos a todos do socego de espirito que se torna preciso para a manutenção da ordem, e, sobretudo, para o prestigio da liberdade, tanto ao ar livre como das cadeias.

Que a mesa censoria não negue o seu «democratico imprimatur» a este extracto veridico do que no parlamento se diz, afastando para bem longe a perigosa crença de que a representação nacional, em horas como a decorrente, á força de falar claro, só consegue falar em branco.

Correu agora um boato na Camara. E' a primeira vez, ao que nos parece, que um boato se fundamenta em factos certos:

—A ordem é absoluta.

Absoluta. Pelo menos, aqui no Parlamento, está tudo em ordem. Até os srs. deputados falam em voz baixa nos seus desprendidos conciliabulos.

O ambiente de bem estar é tão nitido, tão absoluto, que nem o sr. Tavares de Carvalho julgou preciso, ainda, as providencias do costume para a carestia, sempre crescente, dos generos alimenticios.

E' um sintoma. Junta-se a paz á abundancia; une-se o socego á confraternisação das gentes.

* * *